



Trilha Transmantiqueira: motivações e contribuições dos voluntários em uma trilha de longo curso

Transmantiqueira Trail: motivations and contributions of volunteers on a long-distance trail

Lucas Fernandes Diniz, Camila Gonçalves de Oliveira Rodrigues

RESUMO: As Trilhas de Longo Curso (TLCs) desempenham um papel estratégico na conservação ambiental e no fortalecimento do ecoturismo, promovendo a conectividade entre unidades de conservação e a participação social na sua gestão. A Trilha Transmantiqueira (TMTQ) é uma das iniciativas que contribui nesse processo, considerando uma ampla rede de parcerias e o engajamento social por meio do voluntariado. O presente estudo investigou as motivações e contribuições dos voluntários na TMTQ, analisando seu engajamento e os desafios da gestão participativa. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando levantamento bibliográfico e documental, além da aplicação de um questionário *online* direcionado aos voluntários da trilha. Os resultados evidenciaram que o voluntariado está diretamente relacionado ao sentimento de pertencimento e ao desejo de conservação ambiental, além de contribuir para a manutenção da trilha por meio de ações como sinalização, manejo e promoção do uso sustentável. No entanto, desafios como a estrutura organizacional e a necessidade de uma mobilização contínua foram identificados como fatores limitantes. Os resultados da pesquisa indicam que o voluntariado é um pilar fundamental para a TMTQ, mas que sua efetividade depende de estratégias mais estruturadas para o planejamento, a gestão e a sua continuidade.

PALAVRAS-CHAVE: Trilhas de Longo Curso; Voluntariado; Unidades de Conservação; Ecoturismo.

ABSTRACT: Long-distance trails play a strategic role in environmental conservation and in strengthening ecotourism, promoting connectivity between conservation units and social participation in their management. The Transmantiqueira Trail (TMTQ) is one of the initiatives that contributes to this process, considering a broad network of partnerships and social engagement through volunteering. This study investigated the motivations and contributions of volunteers in the TMTQ, analyzing their engagement and the challenges of participatory management. The research adopted a qualitative approach, using bibliographic and documentary research, in addition to the application of an online questionnaire directed to the trail volunteers. The results showed that volunteering is directly related to the feeling of belonging and the desire for environmental conservation, in addition to contributing to the maintenance of the trail through actions such as signage, management, and promotion of sustainable use. However, challenges such as organizational structure and the need for continuous mobilization were identified as limiting factors. The research results indicate that volunteering is a fundamental pillar for TMTQ, but that its effectiveness depends on more structured strategies for planning, management and its continuity.

KEYWORDS: Long-Distance Trails; Volunteering; Conservation Units; Ecotourism.

Introdução

As Trilhas de Longo Curso (TLCs) destacam-se como uma estratégia relevante para incentivar o uso público em áreas protegidas e a conexão de territórios (Brasil, 2018), sendo implementadas em diferentes países (Unesco, 2024). O Brasil conta com 3.119 unidades de conservação (UCs) em nível federal, estadual e municipal, de diferentes categorias de manejo (BRASIL, 2024) e a expressiva biodiversidade e recursos naturais do país possui potencial para desenvolvimento e fortalecimento do turismo em ambientes naturais e um contexto favorável para ampliar as opções de experiências voltadas às práticas de caminhada na natureza (Omena; Bregolin, 2020).

Projetos que conectem conservação da natureza e novas possibilidades de uso recreativo e turístico se mostram estratégicos para as diversas possibilidades de usos em áreas naturais. Neste contexto, as Trilhas de Longo Curso, têm se mostrado eficazes na promoção da conectividade entre unidades de conservação e outros fragmentos naturais, consolidando-se como um dos principais instrumentos para o desenvolvimento do Ecoturismo em âmbito nacional na atualidade (Unesco, 2024). No Brasil contamos com a Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso e Conectividade (Rede Trilhas) iniciativa, que a partir da organização coletiva e popular, foi instituída pelo Ministério do Turismo (Mtur), Ministério do Meio Ambiente (MMA)¹ e Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) (Brasil, 2018).

Neste trabalho, será direcionada ênfase à Trilha Transmantiqueira (TMTQ) uma das primeiras iniciativas em trilhas de longo curso no contexto brasileiro, localizada na região da Serra da Mantiqueira, região que abrange territórios dos estados de Minas Gerais (MG), São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ). A região é caracterizada como a mais fria e úmida na porção leste da América do Sul, especificamente na região Sudeste do Brasil. Em conjunto com o complexo da Serra do Mar/Serra de Paranapiacaba, a Serra da Mantiqueira constitui a mais destacada cadeia montanhosa na porção sul da borda do Oceano Atlântico. Adicionalmente, suas nascentes desempenham um papel fundamental no abastecimento hídrico das bacias hidrográficas do Rio Paraíba do Sul, Rio Tietê e Rio Grande (Fapesp, 2024).

O projeto da TMTQ tem seu percurso planejado para chegar a mais de 1.200 km de extensão, cruzando 47 municípios dos três estados e promovendo a integração de 36 unidades de conservação (UCs) (Trilha Transmantiqueira, 2024). A TMTQ – assim como as demais TLCs que compõem a Rede Trilhas – depende de uma rede de trabalho voluntário para execução e efetivação de suas ações. Esta rede de voluntariado na TMTQ é composta por um perfil heterogêneo de atores, como: caminhantes, montanhistas, guias de montanha, escaladores, empreendedores locais, gestores de unidades de conservação, profissionais do setor ambiental e turístico, fotógrafos, entre outros, e que estão organizados em Grupos de Trabalho (GTs) ao longo do traçado, distribuídos em 21 setores (Trilha Transmantiqueira, 2020).

O presente artigo visa apresentar uma análise sobre as motivações que levam os voluntários a se engajarem coletivamente nas ações da Trilha

Transmantiqueira, considerando aspectos como o sentido de pertencimento e a contribuição das atividades voluntárias para o projeto. As motivações para o estudo decorrem do interesse em investigar como os TLCs se desenvolvem e se constituem enquanto uma governança regional e forma de parceria, no caso da TMTQ, na região da Serra da Mantiqueira, envolvendo atores dos estados de MG, SP e RJ.

O estudo adota uma abordagem quali-quantitativa e descritiva, visando aprofundar o conhecimento sobre o voluntariado na Trilha Transmantequeira (TMTQ) e descrever características e percepções desse grupo com base em dados primários (Gil, 1991; Silva; Menezes, 2005). A pesquisa inclui revisão bibliográfica e documental sobre Trilhas de Longo Curso (TLCs) e voluntariado em áreas protegidas. Para análise do perfil, motivações e atuação dos voluntários, foi aplicado um formulário *online* anônimo, contendo perguntas sobre essas temáticas.

Localização e caracterização da área de estudo

Apesar de alguns trechos estarem em avaliação quanto ao percurso final, a Trilha Transmantiqueira tem o seu traçado planejado para chegar a mais de 1.200 km de extensão. A trilha tem início na zona norte da cidade de São Paulo, no Parque Estadual Alberto Löfgren, localizado no sopé da Serra da Cantareira, e segue até o Parque Estadual da Serra do Papagaio (MG), onde bifurca em dois ramais, sendo o ramal oeste até o atrativo “Janela do Céu”, no Parque Estadual do Ibitipoca (MG), e o ramal norte a trilha segue pela travessia da Chapada das Perdizes, passando por Carrancas (MG), e finalizando no município de Itumirim (MG) (Trilha Transmantiqueira, 2024).

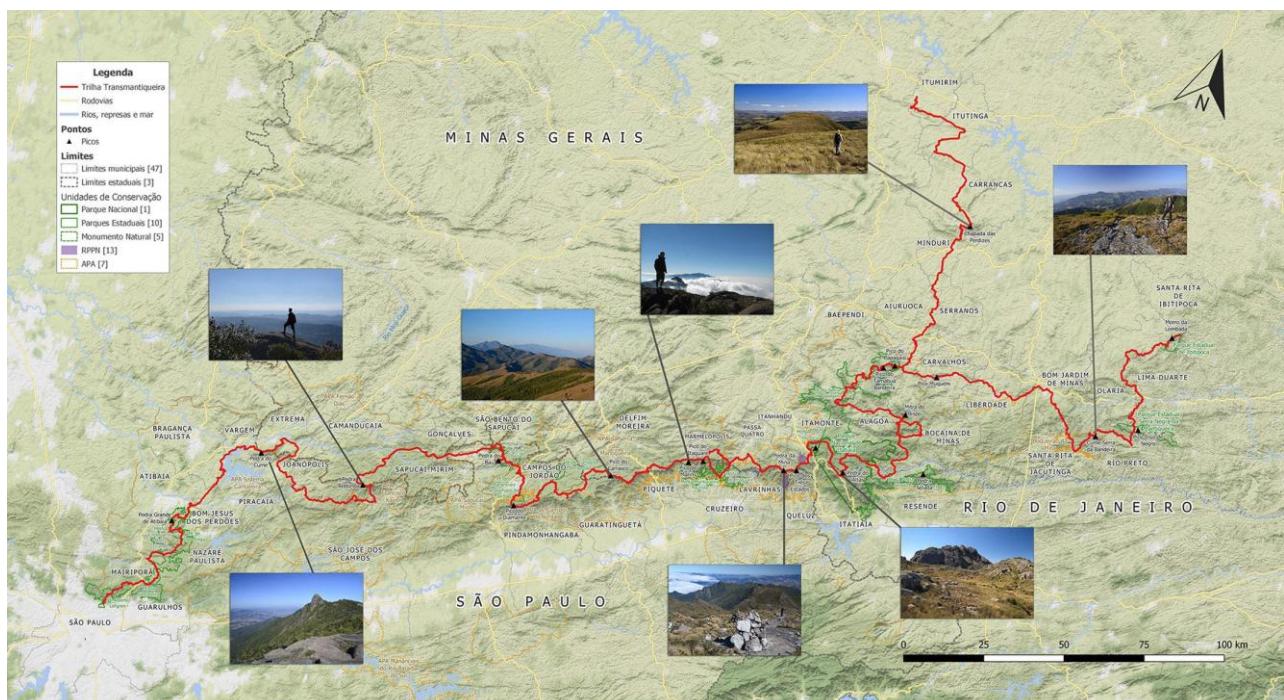


Figura 1: Tracado da Trilha Transmangueira

Figura 1: Traçado da Trilha Transmangueira.
Figure 1: Route of the Transmangueira Trail

Fonte: site da Trilha Transmangueira - <<http://trilhatransmangueira.org.br/>>.

Source: Transmantiqueira Trail website - <http://transmantiqueira.com.br>

Um dos aspectos para identificação das trilhas pertencentes à Rede Trilhas é por meio das “pegadas”, que funcionam como uma marca específica da Rede e para a sinalização da trilha. Quanto ao desenho destas marcas de cada trilha e região, são caracterizadas como pegadas amarelas e pretas, que devem refletir os valores da territorialidade local e se expressam de diferentes formas. A função destas pegadas envolve, principalmente, um processo de identidade e pertencimento com as trilhas (Trilha Transmantiqueira, 2020).

No presente caso, o desenho da “pegada” desenvolvida para representar a Trilha Transmantiqueira foi a de uma árvore típica desta região do Brasil, a araucária (*Araucaria angustifolia*), espécie em risco extremo de extinção (Thomas, 2013). Neste símbolo, a copa da araucária com a sua pinha (estróbilo), foram estilizadas na forma de uma pegada e inseridas dentro de uma seta (Figura 2).



Figura 2: Marca da Trilha Transmantiqueira.

Figure 2: Brand of the Transmantiqueira Trail.

Fonte: site da Trilha Transmantiqueira - <<http://trilhatransmantiqueira.org.br/>>.

Source: Transmantiqueira Trail website - <<http://trilhatransmantiqueira.org.br/>>.

Ao refletir sobre a TMTQ e suas funções para incentivo ao uso público em unidades de conservação e outras áreas protegidas e a conexão destes territórios (Brasil, 2018), destaca-se que esta TLC abrange ao menos 37 Unidades de Conservação (UCs) (Quadro 1), sendo oito Áreas de Proteção Ambiental (APAs), cinco Monumentos Naturais (MONAs) treze Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs), nove Parques Estaduais (PEs), um Parque Natural Municipal (PNM) e um Parque Nacional (PARNA) (Trilha Transmantiqueira, 2024).

Quadro 1: Unidades de Conservação no Transecto da Trilha Transmantiqueira.

Frame 1: Conservation Units on the Transmantiqueira Trail Transect.

Tipo	Nome da Unidade de Conservação
Área de Proteção Ambiental (APA)	1. APA Boqueirão da Mira
	2. APA da Serra da Mantiqueira
	3. APA de Campos do Jordão
	4. APA Fernão Dias
	5. APA Mananciais do Rio Paraíba do Sul
	6. APA São Francisco Xavier
	7. APA Sapucaí Mirim
	8. APA Sistema Cantareira

Continua...

...continuação.

Tipo	Nome da Unidade de Conservação
Monumento Natural (MONA)	9. MONA Pedra do Baú
	10. MONA Pico do Itaguaré
	11. MONA Pedra Grande
	12. MONA Mantiqueira Paulista
	13. MONA Pedra do Picu
Parque Estadual (PE)	14. PE Alberto Löfgren
	15. PE Cantareira
	16. PE Pedra Selada
	17. PE Serra do Papagaio
	18. PE Serra Negra da Mantiqueira
	19. PE Campos do Jordão
	20. PE Itapetinga
	21. PE Ibitipoca
	22. PE Mananciais de Campos do Jordão
	23. PNM Grota Funda
Parque Natural Municipal (PNM)	24. PARNA do Itatiaia
Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs)	25. RPPN Alto do Deco
	26. RPPN Alto Montana
	27. RPPN Cachoeira do Tombo
	28. RPPN Mata
	29. RPPN Gigante do Itaguaré
	30. RPPN Mitra do Bispo
	31. RPPN Mitra do Bispo II
	32. RPPN Pedra da Mina
	33. RPPN Sta. Rita de Cássia
	34. RPPN Serra do Papagaio-Matutu
	35. RPPN Serrinha
	36. RPPN Travessia
	37. RPPN Pico dos Cabritos

Fonte: Trilhas Transmantiqueira (2024), adaptado pelos autores (2025).

Source: Trilhas Transmantiqueira (2024), adapted by the authors (2025).

A área de estudo está concentrada nos atores ligados ao voluntariado da TMTQ das regiões abrangidas nos três estados inseridos (Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro).

As Trilhas de Longo Curso

Em escala global, diversos países já estabeleceram TLCs, incorporando variadas estruturas, abordagens e objetivos. Essas iniciativas refletem diferentes contextos, demonstrando a diversidade de estratégias adotadas, como pode ser evidenciado:

A Unesco (2024, p. 16) aponta que “diversos países do mundo que já implementaram trilhas de longo curso possuem uma trilha considerada “nacional” que conecta seus extremos geográficos. Como exemplos temos a *Pacific Crest Trail* nos Estados Unidos, a *The Great Trail*, no Canadá, a *Te Araroa*, na Nova Zelândia e a *Lebanon Mountain Trail*, no Líbano, entre outras. Essas trilhas nacionais, normalmente são colunas vertebrais de grandes sistemas, ou redes, de trilhas” refletindo que muitas trilhas se consolidaram em distintos contextos e localidades.

Para Issa (2018) as trilhas de longo percurso (TLP)² são abordadas como instrumentos multifuncionais que contribuem tanto para a conservação ambiental quanto para o desenvolvimento turístico e econômico. O autor enfatiza que de sua concepção à implementação, um TLP “só pode ter chances de sucesso se for feito mediante a mobilização de uma extensa rede de apoiadores e voluntários” (2018, p. 55), constatando que este processo colaborativo e coletivo é fundamental para a perenidade dos projetos.

Os autores Viveiros-de-Castro *et al* (2024) analisam as TLCs como ferramentas fundamentais para a criação de significado e senso de lugar em grandes paisagens, que podem contribuir para a conservação ambiental em larga escala e o reforço ao apoio social à conservação. Ao explorarem o conceito de “efeito de marca”, apontam como as trilhas icônicas podem influenciar positivamente a percepção e o engajamento ambiental nos territórios.

No cenário brasileiro, a Portaria Conjunta nº 407, de 19 de outubro de 2018 que Institui a Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade - Rede Trilhas dá outras providências (Brasil, 2018), com inclusão pela portaria nº 500, de 15 de setembro de 2020 (Brasil, 2020), determina que as Trilhas de Longo Curso são caracterizadas em dois 2 (dois) tipos, sendo a Trilha de Longo Curso Regional: “trilha que demanda pelo menos um pernoite e no máximo vinte e oito dias de caminhada para que seja percorrida em sua totalidade” e Trilha de Longo Curso Nacional, caracterizada como “trilha que demanda mais de vinte e oito dias de caminhada para que seja percorrida, sendo ainda o resultado da soma de pelo menos duas Trilhas Regionais” (BRASIL, 2020), esta conceituação é fundamental para entendimento do que se tratam estes trajetos.

Esse processo de reconhecimento oficial das TLCs se mostrou importante, especialmente ao contribuir com os objetivos do Programa Nacional de Conectividade de Paisagens – CONECTA do Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2018), explicitado no Art. 2º, parágrafo I, onde pontua que “promover as trilhas de longo curso como instrumento de conservação da biodiversidade e conectividade de paisagens”. Este marco revelou o amadurecimento deste processo de reconhecimento das TLCs em território nacional.

Quanto aos esforços para implementação das TLCs, Omena e Bregolin (2020, p. 11) apontam que o ICMBio, têm trabalhado no objetivo “para que as

trilhas contemplem a conexão de paisagens e a criação de corredores ecológicos entre diferentes UCs, pois [...] têm um papel fundamental para a conservação da natureza”, indicando que isso possibilita a conexão entre populações, reduzindo o isolamento e diminuindo o risco de extinção.

Alves, Bregolin e Rudzewicz (2024, p. 129) refletem que com a maior “apropriação das TLCs, cada vez mais governos locais e entidades passaram a apoiar essa política pública.”, todavia, é contraposto que há muito a ser realizado, dadas as dimensões continentais do país e a complexidade das diversas realidades regionais (Alves; Bregolin; Rudzewicz, 2024), além da escassez de funcionários nas áreas protegidas pelo Brasil, que carecem de equipes para as diversas demandas existentes (Costa; Silva; Rogumbaun, 2019), isso reflete aspectos estruturais e organizacionais carentes em certas áreas protegidas e territórios e que refletem na dinâmica das TLCs.

Como exposto anteriormente, é válida a afirmação que as TLCs desempenham um papel estratégico na conservação, conectividade de paisagens e desenvolvimento socioeconômico. Todavia, há a necessidade em compreender os desafios inerentes à gestão das trilhas, promovendo estratégias que viabilizem sua consolidação e expansão no território nacional.

Neste sentido, programas de voluntariado são relevantes como forma de aproximar a sociedade de práticas que apoiam a conservação da natureza e a gestão de áreas protegidas. Tais práticas requerem planejamento por parte dos órgãos gestores, das organizações da sociedade civil e dos coletivos locais, identificando atividades, habilidades, cronograma e resultados esperados com o voluntariado.

O Voluntariado em Trilhas de Longo Curso

O voluntariado desempenha um papel relevante na efetiva implementação das TLCs. No caso da Trilha Transcarioca, no Rio de Janeiro, Alcântara e Corrêa (2021, p. 191) constatam que “o voluntariado é uma oportunidade de trabalho integrado com a gestão do parque, geralmente são pessoas que possuem amor pelos parques e desejam a sua preservação”, isso ressalta que, na análise dos autores, as pessoas voluntárias possuem um sentimento afetivo com a área protegida na qual atuam.

A noção de que há uma conexão entre a prática da atividade voluntária aos interesses coletivos, se evidencia quando o voluntariado é entendido como “um recurso fundamental para a resiliência comunitária” (COSTA et al., 2019, p. 98), já que por estes objetivos em comum, se constituem redes de conexões entre pessoas e comunidades. Para Nascimento (2017), o voluntariado se traduz em ações baseadas em altruísmo, solidariedade, sensibilidade e consideração pelos demais, frequentemente expressas pela disponibilidade em dedicar tempo a causas. No Brasil, temos oficialmente o conceito de serviço voluntário:

“Art. 1º Considera-se serviço voluntário, para os fins desta Lei, a atividade não remunerada prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou a instituição privada de fins não lucrativos que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência à pessoa” (BRASIL, 1998, p. 1), onde é pontuado seu contexto não trabalhista.

Aplicado no cenário das UCs, programas estruturados de voluntariado são elementos estratégicos para o fortalecimento das mesmas, promovendo a manutenção e valorização dessas áreas protegidas e o engajamento da sociedade na conservação da biodiversidade (Instituto De Pesquisas Ecológicas, 2021) que reforça o papel estratégico do voluntariado neste campo.

Para a instituição supracitada (2020), apesar do voluntariado em áreas protegidas ser uma prática incipiente em comparação à países como EUA e Inglaterra, o campo de atuação de voluntários em UCs brasileiras caminha “com passos largos para tornar o voluntariado uma importante estratégia de conservação e gestão socioambiental” (Instituto De Pesquisas Ecológicas, 2020, p. 21), o que reflete uma tendência de ampliação de programas e incentivos ao voluntariado.

No contexto das TLCs, as atividades são, em sua maioria, realizadas por meio do voluntariado. Essas atividades de colaboração envolvem desde atividades operacionais como nos mutirões de sinalização, manejo e limpeza das trilhas, quanto estratégicas, como gestão, coordenação, comunicação, marketing e outras (Rede Trilhas, 2025). A seguir apresenta-se o panorama das principais habilidades para colaboração voluntária demandadas no formulário para inscrição de novos voluntários da Rede Trilhas.

1. Participação em mutirões de sinalização, manejo e limpeza das trilhas.
2. Composição de brigadas voluntárias de combate a incêndios e de busca e salvamento.
3. Representação da Rede Trilhas em reuniões com instituições públicas, privadas e da sociedade civil.
4. Realização de palestras de divulgação da Rede Trilhas.
5. Condução de visitantes nas trilhas.
6. Realização de ações de sensibilização e a educação ambiental.
7. Apoio à pesquisa científica.
8. Auxiliando na assessoria jurídica das trilhas.
9. Colaboração nos canais de comunicação da Rede Trilhas por meio de mídias sociais, preparando textos, imagens, vídeos, podcasts e interagindo com internautas.
10. Colaboração com a Rede Trilhas e/ou suas trilhas na definição e implementação de diretrizes e suas missões.
11. Apoio com veículo próprio para atividades de campo (apoio logístico / mobilidade).
12. Colaboração com a captação de recursos.

No processo de planejamento da Trilha Transmantiqueira foram definidas 10 (dez) ações prioritárias no Plano de Trabalho para serem executadas ao longo do ano de 2025 (Quadro 2). Ao menos 2 (duas) destas ações estratégicas estão diretamente conectadas com o tema de voluntariado, além das demais ações que se relacionam de forma indireta ao tema.

Quadro 2: Plano de Trabalho da Trilha Transmantiqueira para o ano de 2025.

Frame 2: Transmantiqueira Trail Work Plan for the year 2025.

Prazo	Ações
Janeiro/2025	1. Criação de Grupo de Trabalho (GT) para Comunicação e Marketing.
Fevereiro/2025	2. Rearticulação de parcerias com as novas Gestões Municipais.
Maio/2025	3. Reestruturação dos GTs de voluntariado nos setores da TMTQ.
Maio/2025	4. Desenvolvimento de programação para os voluntários.
Julho/2025	5. Definição do traçado possível para a TMTQ.
Julho/2025	6. Definição logística para o traçado da TMTQ.
Julho/2025	7. Realização de sinalização geral dos setores da TMTQ.
Setembro/2025	8. Estabelecimento da Rede de Parceiros (Produtos e Serviços Turísticos).
Novembro/2025	9. Criação de um Programa de Educação Ambiental para a TMTQ.
Dezembro/2025	10. Consolidação de uma Associação para a TMTQ (Estatuto, CNPJ, e etc.).

Fonte: Trilhas Transmantiqueira (2024), adaptado pelos autores (2025).

Source: Trilhas Transmantiqueira (2024), adapted by the authors (2025).

Ressalta-se que foi identificado durante a formulação da proposta do presente estudo que a TMTQ ainda não possui um banco de informações preciso e oficial quanto ao número exato de voluntários nesta TLC, este ponto vai de encontro à ação “4”, que visa a formulação de um programa estruturado para o voluntariado na trilha.

Material e métodos

O presente artigo envolve uma pesquisa de abordagem qual-quantitativa, de caráter descritivo, buscando aprofundar o conhecimento sobre a atuação do voluntariado na TMTQ e descrever características e opiniões de um determinado grupo a partir do levantamento de dados primários (Gil, 1991; SILVA; MENEZES 2005). A pesquisa envolveu o levantamento e a análise de referencial bibliográfico e documental sobre as TLCs e sobre o voluntariado, especialmente em áreas protegidas. Para compreender o perfil do voluntário, suas motivações e formas de atuação, foi elaborado um formulário *online* direcionado aos voluntários/as presentes nos grupos do *Whatsapp* da Trilha Transmantiqueira. O formulário é anônimo, com questões sobre o perfil, formas de atuação, motivações e opiniões sobre o voluntariado na TMTQ.

A TMTQ é dividida em 15 (quinze) grupos de trabalho (GTs), conforme apresentado no Quadro 3, contando com coordenações voluntárias responsáveis pelos respectivos trechos da trilha. Para o presente artigo, os membros dos GTs foram informados e envolvidos para participarem do estudo.

Quadro 3: Grupos de Trabalho (GT) da Trilha Transmantiqueira.

Frame 3: Transmantiqueira Trail Working Groups.

Nº	Grupos de Trabalho (GT) da TMTQ	Estados Abrangidos
1	GT Cantareira	São Paulo
2	GT Pedra Grande	São Paulo
3	GT Lopo/Gonçalves	Minas Gerais
4	GT MoNa Baú	São Paulo
5	GT Campos do Jordão/Charco	São Paulo
6	GT Carrasco	São Paulo
7	GT Marins/Itaguaré	Minas Gerais e São Paulo
8	GT Serra Fina	Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo
9	GT MoNa Picú	Minas Gerais
10	GT PNI (Parque Nacional do Itatiaia)	Rio de Janeiro
11	GT Visconde de Mauá	Rio de Janeiro e Minas Gerais
12	GT Serra do Papagaio	Minas Gerais
13	GT Pico do Muquém	Minas Gerais
14	GT Serras de Ibitipoca	Minas Gerais
15	GT Aiuruoca/Itumirim	Minas Gerais

Fonte: Trilhas Transmantiqueira (2024), adaptado pelos autores (2025).

Source: Trilhas Transmantiqueira (2024), adapted by the authors (2025).

Conforme salientado anteriormente, o coletivo que coordena as ações da TMTQ não sabe precisar o número de voluntários que já atuaram na trilha. O grupo ainda não possui um processo estruturado de acompanhamento das atividades voluntárias como aplicação de listas de presença e banco de informações sobre estes voluntários. Para a pesquisa foi compartilhada uma estimativa de cerca de 440 (quatrocentos e quarenta) envolvidos e voluntários que já atuaram ao longo do traçado da trilha, baseando-se no número de contatos dos GTs nos grupos no *WhatsApp*. Ou seja, é importante refletir que esse número considera também o registro de voluntários em atividades de curta duração como, por exemplo, atividades em mutirões pontuais para sinalização da trilha. A gestão da trilha é composta por 7 voluntários que a representam institucionalmente e dedicam-se ao planejamento e à gestão geral, e outros 12 voluntários que contribuem para a coordenação das ações ao longo do traçado, considerando seus respectivos setores e grupos de trabalho.

Destaca-se que um dos autores do trabalho atua como voluntário na TMTQ, fato que possibilitou a comunicação com os demais voluntários para tratar do estudo e da mobilização para participação. A comunicação com os voluntários foi realizada através do aplicativo de mensagens *WhatsApp*, nos grupos de voluntários da TMTQ, que conta com cerca de 387 pessoas inscritas. A pesquisa ficou aberta para contribuições durante 20 dias em fevereiro de 2025, considerando alguns períodos de mobilização no próprio grupo de *WhatsApp* buscando alcançar um maior número de respondentes. Ao final, foram respondidos 29 formulários, cujas respostas serão analisadas e apresentadas com base na descrição do perfil dos respondentes e na identificação de aspectos coincidentes e palavras mais citadas a partir das perguntas abertas.

O tema deste artigo emerge com a relevância que as TLCs têm assumido no país nos últimos anos, além da necessidade de se compreender o papel do voluntariado, uma vez que, no caso da TMTQ, é possível perceber que esses agentes possuem diferentes formas de relação e interesse com a trilha.

A demanda de pesquisas sobre as relações entre trilhas de longo curso e as partes interessadas é defendida por Issa (2018), ao apontar que investigações que tenham como objeto a perspectiva da sociedade envolvida com as trilhas são secundarizadas, se comparadas com pesquisas centradas nos impactos negativos do turismo nestas áreas. Desta forma, evidencia-se a necessidade um maior número de pesquisas que se dediquem à compreensão sobre o voluntariado e seus respectivos resultados na implementação das trilhas, na gestão das UCs e no bem-estar das pessoas envolvidas.

Resultados e Discussão

Dentre os 29 voluntários que responderam ao formulário de pesquisa, a maioria atua na Trilha Transmantequeira no trecho do estado de São Paulo, seguido de Minas Gerais e, uma menor parte, no Rio de Janeiro. Em se tratando da cidade onde residem, São Paulo capital e Campos do Jordão (SP) se igualam quanto local de residência, e Itatiba (SP) consiste no terceiro lugar onde a maioria dos sujeitos da pesquisa reside.

Referente ao gênero há uma predominância majoritária do gênero masculino atuando na trilha. A menor presença feminina pode apontar a necessidade de políticas internas da gestão da trilha visando aumento da diversidade de gênero no voluntariado. Possibilitar uma maior presença feminina em atividades voluntárias em áreas protegidas e trilhas se relaciona com as boas práticas de voluntariado, identificadas pelo Instituto de Pesquisas Ecológicas (2022), onde foram mapeadas as iniciativas de destaque no voluntariado em UCs.

No que diz respeito à idade dos entrevistados, o resultado foi diversificado, com a incidência de duas faixas etárias de 25 a 34 anos, seguido de 35 a 44 anos, ambas se igualam.

Sobre o nível de instrução, mais da metade possui pós-graduação completa. Adicionalmente, parte dos voluntários tem ensino superior completo. É válido mencionar que a maioria das pessoas entrevistadas atua há mais de 3 anos como voluntária/o da trilha.

Em relação à média de horas mensais dedicada ao trabalho voluntário na TMTQ, pouco menos da metade atua apenas quando convocado, o restante informou atuar no máximo 5 horas, outros entre 6 e 10 horas, e apenas dois voluntários relataram atuar entre 11 e 15 horas, e 21 horas ou mais, respectivamente. O esforço e o tempo dedicado ao projeto podem estar relacionados também, conforme destacam Costa, Silva e Rogumbaun (2019), à necessidade de um maior contato com a natureza, além de significar que estas ações voluntárias se relacionam com significados afetivos dos sujeitos voluntários com a trilha e seu território.

Os dados revelaram quatro principais maneiras como os entrevistados conhecem as atividades voluntárias na TMTQ. A primeira diz respeito à participação em seminários e em outros tipos de eventos relacionados ao tema. A segunda trata-se da indicação de conhecidos, amigos e familiares. A terceira, por meio de atividades como mutirões de sinalização da trilha. Por último, por meio das redes sociais da trilha. Cabe salientar que alguns entrevistados conheciam a iniciativa do voluntariado na trilha, pois já atuavam como voluntários em trilhas e unidades de conservação, inclusive desde a criação da Transmantiiqueira, conforme exemplificado nos relatos a seguir:

“Desde a criação da Trilha, estou envolvido na sinalização, manutenção, visitas guiadas e implementação.” (Voluntário 9).

“Antes da oficialização da Transmantiiqueira, já atuava como voluntário em trilhas e UCs da região.” (Voluntário 8).

Nestes relatos, observa-se o envolvimento prévio dos voluntários em atividades ligadas à conservação ambiental, antes mesmo da TMTQ ser oficializada. Estes aspectos corroboram com o que Omena e Bregolin (2020) destacam sobre a participação voluntária em TLCs como um processo dinâmico, no qual o estímulo ao engajamento coletivo da sociedade civil se mostra assertivo.

A partir da análise das respostas enviadas foi possível constatar uma maior participação na pesquisa de três Grupos de Trabalho (GTs) da TMTQ, o primeiro trata-se do GT Baú-PECJ-Charco, com o maior número de respondentes, seguido do GT Serra do Lopo-Pedra do Baú e por último o GT Marins-Itaguaré. Os respondentes destes GTs são majoritariamente de territórios de Minas Gerais, dos municípios de Extrema, Delfim Moreira e Itamonte; e São Paulo, dos municípios de São Paulo capital, Bragança Paulista, Campos do Jordão, Lavrinhas, Lorena, Monteiro Lobato, São Bento do Sapucaí e Taubaté. A predominância de respondentes destes GTs é de cidades que estão no entorno imediato ou próximo da trilha e pode indicar um maior interesse e envolvimento com a trilha por parte dos moradores destas regiões.

Quanto às atividades voluntárias na trilha, a participação em mutirões de sinalização, manejo e limpeza de trilha, se destacou como colaboração majoritária na qual os entrevistados estiveram e/ou estão diretamente envolvidos, assim como a condução de visitantes na trilha, que é uma outra atividade desempenhada pelos voluntários. No entanto, cabe destacar outras duas atividades, a saber: representação da Trilha Transmantiqueira em reuniões com instituições públicas, privadas e da sociedade civil; e, colaboração com a Trilha Transmantiqueira na definição e implementação de diretrizes e suas missões. A participação nessas duas atividades, especificamente, deixa transparecer a preocupação com ações institucionais e voltadas para o planejamento da trilha, buscando contribuir para a sua efetiva implementação, já que continuamente são necessárias tratativas e alinhamentos com diferentes partes envolvidas nos territórios (gestores de Unidades de Conservação, proprietários rurais, administradores de atrativos turísticos públicos e particulares, entre outros).

No que diz respeito à motivação dos entrevistados em participar de ações voluntárias, o apoio na implementação da trilha consiste no aspecto motivador de maior incidência para os sujeitos da pesquisa. Além disso, impactar de maneira positiva no território também foi um fator de engajamento citado. As principais motivações apresentadas pelos respondentes foram sintetizadas na (Figura 3), a seguir.



Figura 3: Principais motivações para o voluntariado na Trilha Transmantiqueira.
Figure 3: Main motivating factors for volunteering on the Transmantiqueira Trail.

Fonte: Elaboração própria.

Source: Own elaboration.

No que diz respeito aos desafios da prática do voluntariado na trilha, foram ressaltados diversos pontos relacionados aos aspectos operacionais, administrativos, financeiros, políticos e de gestão e planejamento da trilha. No entanto, o engajamento efetivo e mais duradouro consiste em um dos maiores desafios na percepção dos participantes da pesquisa. Tal fato pode estar

associado ao baixo engajamento e comprometimento do voluntariado, como indicado no relato a seguir:

"A falta de voluntários "com vontade de realmente ajudar" para ações nos setores: muitos estão ali apenas para observar, ver o que acontece, ficar por dentro das atividades; por exemplo, precisei de uma informação sobre "onde pernoitar" em determinado bairro de uma cidade por onde a trilha passa e após colocar a pergunta no setor, ninguém interagiu e muito menos responderam a mesma." (Voluntário 23).

A dificuldade em manter um nível elevado de participação voluntária pode estar relacionada à necessidade de programas estruturados de incentivo, como destacado pelo Instituto de Pesquisas Ecológicas (2021). A ausência desta estrutura pode impactar negativamente a retenção dos voluntários, ressaltando a importância de um planejamento adequado para garantir a continuidade das ações.

Para além disso, alguns entrevistados acreditam ser necessário ampliar o diálogo e as parcerias entre os diferentes agentes locais envolvidos nas ações da trilha, buscando evidenciar os impactos positivos da trilha, bem como estimular a sensibilização ambiental, contribuindo assim para a conservação. Essa necessidade reforça o que Alves, Bregolin e Rudzewicz (2024) discutem sobre a importância do engajamento de governos e entidades no fortalecimento das políticas públicas voltadas para as TLCs. Estas características são identificadas nas seguintes narrativas:

"Mobilização social e esclarecimentos sobre os impactos positivos que uma trilha de longo curso traz para cada localidade." (Voluntário 19).

"Fazer com que pessoas de fora do projeto entendam a importância e relevância da trilha." (Voluntário 25).

As respostas indicam que existe uma motivação central em ser voluntário que está relacionada à contribuição com uma causa, rumo à conservação ambiental. Neste sentido, o voluntariado na TMTQ pode auxiliar a busca por um propósito de vida conduzindo-os a pensar no bem comum. As narrativas a seguir ilustram este contexto:

"Dedicar do seu tempo para ajudar ações que impactam na vida de pessoas." (Voluntário 4).

"Troca de experiência, de aprendizado e contribuição em um bem maior que vai beneficiar mais gente" (Voluntário 7).

"Participar de iniciativa coletiva de valorização da natureza e ecoturismo" (Voluntário 24).

"Contribuir com um projeto no qual acredito e construir caminhos e competências para evolução profissional." (Voluntário 10).

"O voluntariado proporciona crescimento pessoal, aprendizado e a oportunidade de desenvolver novas competências." (Voluntário 14).

Tais narrativas revelam resultados da atuação como voluntariado na trilha que extrapolam aspectos profissionais ou de aprendizado, se conectando às subjetividades dos voluntários a partir de sentimentos de pertencimento e atribuição de valor ao trabalho coletivo, aspectos que reforçam a concepção de Nascimento (2017) sobre o voluntariado como uma expressão de altruísmo e solidariedade. Esse envolvimento não apenas beneficia a gestão da trilha, mas também fortalece o desenvolvimento social das pessoas que atuam como voluntário, propiciando um ambiente positivo de engajamento e impacto social.

Considerações Finais

A pesquisa permitiu identificar que o voluntariado na Trilha Transmantiqueira tem motivado uma atuação relevante na conservação e manutenção da trilha, contribuindo para a sua implementação e gestão. Notou-se que o engajamento voluntário reflete tanto a necessidade de conexão com a natureza (COSTA, SILVA E ROGUMBAUN, 2019), quanto a valorização do(s) território(s), fortalecendo-o com a participação social e a governança colaborativa das TLCs.

Os resultados indicam que, apesar do envolvimento dos voluntários, desafios como a estruturação da organização interna e a ampliação do diálogo com as diferentes partes envolvidas, ainda precisam ser aprimorados. Além disso, a continuidade dos voluntários e a necessidade de integração contínua foram aspectos recorrentes nas respostas dos participantes, apontando para a importância de estratégias que promovam maior adesão e engajamento a longo prazo.

Neste sentido, destaca-se que abordagens metodológicas que investigam a atuação voluntária de médio e longo prazos poderão aprofundar a análise sobre os resultados destas iniciativas para a sociedade, a natureza e os territórios envolvidos. Estudos posteriores podem se enraizar, ainda, na análise do impacto socioeconômico das TLCs nas comunidades localizadas nas áreas de abrangência da trilha.

Por fim, os resultados da pesquisa indicam que o voluntariado é um pilar fundamental para a TMTQ, embora sua efetividade dependa de estratégias mais bem estruturadas para o planejamento, a gestão e a continuidade do voluntariado. Conclui-se que a Trilha Transmantiqueira se fortalece como uma iniciativa relevante para a conservação da Serra da Mantiqueira nos três estados e para a promoção do ecoturismo no Brasil.

Referências

- ALVES, T. F.; BREGOLIN, M.; RUDZEWICZ, L. Caracterização Preliminar de Elementos a Serem Considerados para Implantação do Observatório das Trilhas de Longo Curso do Brasil - OBSERVATRILHAS. **Revista Brasileira de Observatórios de Turismo - ReBot**, Rio Grande do Norte, v. 3, n. 1, ed. 1, p. 129-138, 2024.
- ALCANTARA, Rosane Maria; CORRÊA, Marcos Aurélio Rodrigues. Trilha Transcarioca: o Embrião do Sistema Brasileiro de Trilhas de Longo Curso. **Revista Biodiversidade Brasileira**, Brasília, v. 12, n. 3, p. 170-193, 1 abr. 2022.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. Cadastro Nacional de Unidades de Conservação (CNUC): **Painel de Unidades de Conservação Brasileiras**. Brasília, DF. 2024. Disponível em: <https://cnucc.mma.gov.br/powerbi>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- BRASIL. **Portaria Conjunta Nº 407, de 19 de outubro de 2018**. Institui a Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade - RedeTrilhas dá outras providências. Brasília, DF. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/atos-normativos-2/2018/portaria-conjunta-no-407-de-19-de-outubro-de-2018>. Acesso em: 15 dez. 2018.
- COSTA, E.C.S.; SANTOS, C.F.S.; SILVA, J.G.M.; GOMES, P.P. Impacto do voluntariado em Unidades de Conservação estaduais de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v 17, n.2, mai-jul 2024, pp. 94-104
- COSTA. V.C.; SILVA, T.M.; ROGUMBAUN, A.D.P. Análise do perfil do voluntariado para o manejo ecoturístico da Trilha Transcarioca na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v.12, n.4, ago/out 2019, pp.475-487.
- FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Porque Tombar imediatamente a Serra da Mantiqueira no Estado de São Paulo. **BIOTA/FAPESP**, São Paulo, 23 abr. 2014. Disponível em: <https://www.biota.org.br/porque-tombar-imediatamente-a-serra-da-mantiqueira-no-estado-de-sao-paulo/>. Acesso em: 19 jan. 2025.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A., 1991. ISBN 978-85-224-5142-5.
- INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS. **Boas práticas em Unidades de Conservação**. Nazaré Paulista, 2022. Disponível em: <https://voluntariado.ipe.org.br/publicacoes/>. Acesso em: 19 jan. 2025.
- INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS. **Boas práticas em voluntariado, trilhas de longa distância e marca de origem**. Nazaré Paulista, 2021. Disponível em: <https://voluntariado.ipe.org.br/publicacoes/>. Acesso em: 19 jan. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS. Voluntariado: Diálogos da Conservação. Uma estratégia de conservação da natureza e aproximação com a sociedade. Nazaré Paulista, 2020. Disponível em: <https://voluntariado.ipe.org.br/publicacoes/>. Acesso em: 19 jan. 2025.

ISSA, B. Trilhos de longo percurso: interfaces com a gestão das unidades de conservação no Brasil. 2018. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, 2018.

NASCIMENTO, H. H. O. AGENTE VOLUNTÁRIO AMBIENTAL: Um Instrumento de Gestão para as Unidades de Conservação Estaduais do Ceará. Revista Eletrônica Uso Público em Unidades de Conservação, Niterói, v. 5, n. 9, p. 16-23, 31 dez. 2017. Disponível em: https://periodicos.uff.br/uso_publico/article/view/28742/16676. Acesso em: 27 jan. 2025.

OMENA, M. T. R. N.; BREGOLIN, M. A Importância das Trilhas Regionais para Viabilização da Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso. Revista Ambiente & Sociedade, São Paulo, v. 23, 2020.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação. 4. ed. rev. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2005. 138 p. Disponível em: https://tccbiblio.paginas.ufsc.br/files/2010/09/024_Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes1.pdf. Acesso em: 18 fev. 2025.

THOMAS, P. 2013. Araucaria angustifolia. The IUCN Red List of Threatened Species, 2013. Disponível em: e.T32975A2829141. <https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-1.RLTS.T32975A2829141.en>. Acesso em: 10 de janeiro de 2025.

TRILHA TRANSMANTIQUEIRA. Sumário Executivo. Planejamento da Trilha de Longo Curso - Trilha Transmantineira. Brasília, 2024.

TRILHA TRANSMANTIQUEIRA. **Plano de Trabalho para 2025.** 28 nov. 2024. Apresentação do Power Point. Disponível em: <http://www.trilhatransmantineira.org.br/>. Acesso em: 6 jan. 2025.

TRILHA TRANSMANTIQUEIRA. Trilha Transmantineira. In: **O Traçado.** [S. I.], 2020. Disponível em: <http://www.trilhatransmantineira.org.br/>. Acesso em: 26 jan. 2025.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Brasil). SOLICITAÇÃO DE COTAÇÃO - RFQ - Serviços Ref.: Edital UNES 2284/2024. **Elaborar metodologia e conteúdo para o aprimoramento e estruturação do modelo de gestão da Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade – RedeTrilhas**, Brasília, 4 dez. 2024.

VIVEIROS-DE-CASTRO, E. B.; STEIN, T. V.; MONROE, M. C. Thinking big: The role of mega trails in creating meaning and sense of place to conserve large landscapes. **Journal of Outdoor Recreation and Tourism**, v. 48, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jort.2024.100812>. Acesso em: 10 de janeiro de 2025.

Notas:

¹ O Ministério do Meio Ambiente (MMA) passou a se chamar Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima em 1º de janeiro de 2023.

² Equivalente à trilhas de longo curso, no português de Portugal.

Agradecimentos

Agradecemos à equipe da Rede Natour Internacional e Natour Brasil, bem como ao corpo docente e discente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e da Universidade de Brasília (UnB), integrantes da Especialização em Ecoturismo e Interpretação da Natureza, pelo empenho na consolidação do curso e pela atuação cuidadosa, ética e responsável na promoção do ecoturismo. O presente estudo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso dessa especialização e das inúmeras trocas, aprendizados e inspirações vivenciados ao longo dessa enriquecedora jornada de partilhas.

Lucas Fernandes Diniz: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: lucasdiniztur@gmail.com

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1664818010841341>

Camila Gonçalves de Oliveira Rodrigues: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: camila.rodrigues.ufrrj@gmail.com

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0553713185190974>